

170333

REY CLI 587
SIST. 59154

Grafia original
0300310-33

- 1- Reinaldo Moura
- 2- O Espirito Moderno (especial para o Correio do Povo)
- 3- Correio do povo
- 4- O Espirito moderno
- 5- Porto Alegre
- 6- Domingo , 3 de dezembro de 1933
- 7- Ano XXXIX - número 280
- 8- Editoriais e Colaborações página 3
- 9- Bom
- 10- Roberta Martins
- 11- 04 / 07 / 95

O ESPIRITO MODERNO (ESPECIAL PARA O CORREIO DO POVO)

Nos ultimos annos de vida desse animador maravilhoso que foi Graça Aranha, falou-se muito, no Brasil, em espirito moderno. Fala-se ainda, e de vez em quando se escreve em torno dessa formula magica que serviu para infinitas definições, e toda vez que se quer dizer alguma cousa com referencia á chamada inquietação espiritual do universo, recorre-se sempre a essa expressão que ainda não perdeu de todo o prestigio de sua oportunidade.

Que é, afinal, espirito moderno? Uma intelligencia vivendo a existencia da actualidade, e habituada ao raciocinio facil que sugere, na vida e na arte, a arte das definições elegantes, dirá: - um cavalheiro incapaz de tolerar a rigidez cadaverica do velho Flaubert, esse possui o espirito moderno...

É tão facil!

É justamente ahi que começa o conflicto entre as duas correntes. Ellas correspondem exactamente ás duas edades do homem. O cavalheiro de

cincoenta annos não tem a mesma linguagem que o menino lyrico detentor da suave inquieta idade de Christo. Nem ambos se compreendem, poque a linguagem é a expressão das profundas ressonancias da vida, e essas duas vidas dispares jorram em direcções opostas, como a seiva que sobe em silenciosa alegria, e o fructo que tomba perdendo as virtudes que o amadureceram.

A agilidade verbal e a frescura de renascença com que certos escriptores de hontem conseguiram prolongar o feitiço de suas creações sobre o desejo de belleza do mundo, explicam essa sobrevivencia palpitante em torno as attitudes ephemeras dos devoradores de livros. Ha, na vida do espirito, os milagres que parecem eternos. A musica e o perfume desse instante de sortilegio matinal que é "Thais"um dia morrerão tambem, quando no nosso espirito começarem a madrugar novos desejos deante das ultimas formas de sensualidade litteraria, sugeridas pelo mundo imprevisto. E aquillo que hoje envolve entre chamas as alegrias do nosso entusiasmo na claridade da arte, amanhã não será mais que a cinza evocando por vezes, numa saudade que ninguem mais compreenderá, o semeador esquecido.

Gide uma vez poz as mãos na cabeça e exclamou: - Meu deus! Ha tanta gente que escreve... Na melancolia de um minuto de desencanto, o escriptor moderno poderá completar a exclamação desse coleccionador imperturbavel de idéas. Ha tanta gente que escreve, e afinal para que? Pois não estão ahi as immortalidades innumeraveis dessas perfeições silenciosas como idolos alinhados num templo? Não se poderia parar, agora? Parar para ter tempo de ler tudo quanto ficou para traz? A humanidade, com os seus pequenos dramas diarios, necessita

mesmo da nossa loucura ou do nosso balsamo, para a criação clandestina desses mundos artificiaes da imaginação? Pois não basta o que já existe?

Começa aqui uma explicação difficil, para justicar a necessidade de uma litteratura para cada época. Não basta o que já existe. É banal affirmar que os homens pertencem ás suas épocas, e não podem ficar isolados do proprio ambiente pelo artificio de preferencias doentias. O cavalheiro que nasceu hontem e viveu num meio differente do da actualidade, permanecera fiel áquellas leisinhas que hoje nos parecem insignificantes. O menino veloz que nasceu hoje não compreenderá a sua linguagem. Viverão em ambientes diversos, que se interpenetram mas jámais se confundem. O menino está tomado pelo espirito moderno, e isso, naturalmente, sem esforço, sem pretensão, e principalmente sem litteratura. Que é que elle vae ler? Os classicos? Que horror! Sonetos? Muito menos! Elle vae procurar naturalmente os escriptores velozes, cinematographicos que dão a idéa exacta da vida que passa, como a odisséa admiraval de Babitt. E lá por isso os adoradores dos livros velhos terão razão para censural-o? Ou o menino feliz poderá em sã consciencia, accusar o máo gosto crispante dos devoradores de cadaveres. Não. Certamente. Ambos viverão lado a lado, na paz profunda das forças que se respeitam mutuamente, porque uma razão sufficiente de existencia as difine e consagra. Mas não ha duvida que sempre os actuaes ou os antecipados terão melhore rasões de vida, porque representam a surpresa de um alvorecer, com todas as forças mysteriosas da onda do tempo que vem vindo em silencio.

Muita gente de cultura não tem coragem para dizer o que pensa em torno desse mansoleo onde os instinctos amorosos da tradicção collocou a arte

morta dos tempos idos, como diante do perpetuo incenso de uma ara. Porque é necessario ter em pequena conta as opiniões dos outros para poder declarar: li toda essa gente tão falada que constitue para os cavalheiros crepusculares a unica fonte sussurrante de beleza. Os poetas antigos, os pensadores da antiguidade illustre, e afinal de contas, confesso que não me proporcionaram a menor emoção. É verdade que essa gente é de hontem e tem o prestigio da cinza sagrada cobrindo a immobilidade irremediavel da morte. E eu sou de hoje. O meu espirito se exalta com os entusiasmos relusentes de um automovel chispando, ou com a poesia presentista de Apolinaire, com a simplicidade colleante de Cendras, com o puro estilo de Soupouelt, com a valise colorida de Morand. Não posso compreender o passado pelo passado, porque o meu espirito não synthoniza com o seu espirito. É sufficiente a minha sinceridade para absolver-me?

Poucos poderiam falar assim poque, lá no fundo das consciencias escravizadas pela responsabilidade do máu gosto commum, está o sorriso banalissimo da Gioconda, como uma ameaça e um symbolo symbolo da infinita tolice dos homens que ainda acreditam no mysterio divino dessa attitude...

É verdade que o espirito moderno tem um defeito notavel: a irreverencia. Mas a irreverencia, afinal, foi sempre uma virtude de todos os tempos. Mesmo entre os varões illustres que animaram no amanhecer da cultura, com o prestigio de seu engenho, os compendios da poesia.

Reynaldo Moura.